

Apresentação

*Não se sabe se na voz,
se no silêncio:
à maneira de apresentação*

Elizabeth **Hazin**

Professora da Universidade de
Brasília. Líder do grupo de Estudos
Osmanianos da UnB. Bolsista de
Produtividade em Pesquisa do CNPq.

ehazin@ig.com.br

Leny **da Silva Gomes**

Professora Titular do PPG Letras
Uniritter (Porto Alegre/RS).

lenyg@uniritter.edu.br

A edição de julho de 1924 de *A Cruz*, publicação da cidade de Vitória de Santo Antão (PE), traz em suas duas páginas impressas notícias de aniversários, de recitações festivas, de visitas ilustres recebidas pela cidade; faz a recapitulação de eventos há cem anos acontecidos e apresenta aos seus leitores a geografia da Europa, discriminando todos os impérios, reinos, repúblicas, principados e as cinco cidades livres: Hamburgo, Bremen, Lubeck, Dantizg e Fiume. Entre as notícias, destaca-se uma que particularmente nos interessa: o nascimento do “mimoso primogênito do ilustre casal Theophanes e Maria da Paz”, ocorrido no dia 5. Iniciava-se, assim, a vida de Osman Lins, autor pernambucano a quem vai dedicado este volume, que tem o caráter significativo de homenagem ao escritor que, se vivo fosse, teria completado 90 anos no dia 5 de julho último.

1924-2014. Considerando que os números sempre tiveram importância para Osman Lins e que os múltiplos de um número – como se lê no *Dicionário de símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant – têm a mesma significação simbólica básica do número simples (noventa seria, portanto, análogo a nove), podemos dizer que esta idade agora atingida adquire significado maior quando nos damos conta de que o número 9 – número da completude, do término de uma criação – teve sentido real em sua vida. Correspondente às letras do nome com que assina seus livros, foi justo o 9 a nomear um de seus livros mais importantes – *Nove, novena* –

aquele que mudaria o rumo de sua literatura, levando-o a acreditar que enfim conseguira realizar o que tinha traçado para si próprio desde a adolescência. Segundo Parmênides, o número 9 concerne às coisas absolutas.

Pensamos para esta edição especial da revista *Cerrados* que seria apropriada (e belo também) a reunião de depoimentos vários, provindos de pessoas que com ele tivessem compartilhado o espaço da vida ou o da escrita. Assim, na seção inicial, intitulada *DEPOIMENTOS*, encontram-se reunidos textos de escritores, pesquisadores, parentes e amigos, cujas palavras constituem, quem sabe, a mais bela tentativa de não permitir que as coisas vividas e vivenciadas se dissipem no tempo.

Na segunda seção, encontram-se três ensaios: um, de autoria de Fernando Antonio Dusi Rocha, entrelaça a narrativa *Retábulo de Santa Joana Carolina*, de Osman Lins, com os sermões *da Exaltação da Santa Cruz e das Cadeias de São Pedro*, do Padre Antônio Vieira, convocando, para esse diálogo hermenêutico, questões que dizem respeito à verdade, às tensões e aporias da existência, representadas em textos aparentemente díspares; outro, de autoria de Roberto Mulinacci, da Università di Bologna, sobre a (des)fortuna crítica da tradução italiana de *Avalovara* (Il Quadrante, 1987), que – segundo esse autor – teria passado inteiramente despercebida nos meios intelectuais do país; e, por último, o de Odalice de Castro Silva, da Universidade Federal do Ceará, trata das convergências e das diferenças entre o escritor cearense Moreira Campos e o pernambucano Osman Lins a partir da descoberta da admiração do primeiro pelo segundo, imprimida em documentos do arquivo de Campos, depositado no Acervo do Escritor Cearense, da UFC.

O ensaio fotográfico que se vê na terceira seção origina-se de excursão feita à Vitória de Lins pelo grupo Estudos Osmanianos, da UnB, em 2009, tentando retrair seus passos por aquela cidade que o viu nascer, perscrutando com encantamento a casa em que viveu ao lado da avó Joana Carolina.

A seção seguinte traz aos leitores o fascínio da música: a composição intitulada *A viagem e o rio*, inspirada em *Avalovara*, de autoria de José Henrique Padovani, da Universidade Federal da Paraíba. Composta para uma orquestra de 17 instrumentistas e live-electronics, participou da 4ª Competição Europeia de Projetos com Live-Electronics, tendo obtido o prêmio principal.

A seguir, a voz do próprio Osman Lins, guardada há anos em CD-R, discorre sobre aspectos por ele observados no romance *Variante Gotemburgo*, ainda inédito à época, e que foi tese de doutoramento do escritor Esdras do Nascimento, na UFRJ, em 1977. Trata-se de um parecer de Osman a respeito do romance, enviado ao amigo Esdras, que gentilmente nos cedeu para publicação.

Convidamos ainda o escritor Raduan Nassar, amigo de Osman, para nos dar um depoimento. Disse-nos que só conseguia “escrever curto”. Achamos por bem que a frase que nos encaminhou como contribuição deveria constituir a epígrafe deste volume.

Apenas algumas palavras para concluir. Uma caixa pode encerrar segredos, pode conservar recordações, como aquela que Natividade, personagem do romance *Avalovara*, guardava sobre seu guarda-roupa vazio:

[...] numa caixa de chapéu, estão guardadas as suas lembranças. Fotografias dos padrões, da criança que ajuda a criar e vê crescer, folhas secas, conchas, seixos, um prisma, lápis de cor meio usados e sem ponta, frascos de remédio, barbantes, um anel de latão, cacos de um jarro, estampas de santos, um dobrão de prata.

Muitas vezes encontra-se – no interior de uma caixa – o que de mais precioso existe para aquele que a conserva. Ora, a imagem que se vê reproduzida na capa deste volume é a de uma caixa que pertenceu ao escritor, na qual ele guardava seus diários com anotações de viagem. Foi ele mesmo a escolher e ali colar a gravura do peixe, com o corpo composto por inúmeras carinhas e que atravessa o espaço a tocar um violino. Depositada, hoje, no Fundo Osman Lins, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, talvez tal imagem representasse para seu dono a ideia de deslocamento, imaginação e fascínio que toda viagem contém. Assim, outro não foi nosso intuito ao destacá-la na capa: para nós cada um destes textos aqui guardados pode ser visto como recordação de viagem, da grande aventura vivida pelos que conheceram Osman Lins ou leram seus escritos. Aproxime-se, leitor, levante a tampa colorida e descubra – com o mesmo encantamento com que aí os acomodamos – a magia que tal encontro pode suscitar.

Brasília/Porto Alegre, 4 de outubro de 2014.